

Independente da lógica de produção e do tamanho da propriedade, teoricamente, muitos estudiosos analisam os estabelecimentos agropecuários como uma empresa, combinando fatores de produção de modo a maximizar os lucros (SOUZA, 2003). O produtor é visto como agente econômico racional que maximiza seu lucro.

As estratégias neste enfoque estão centradas na mudança tecnológica como elemento tático para manter ou melhorar posições competitivas. Ainda os produtores dispõem, gratuitamente das informações necessárias para avaliar e comparar as produções e serem capazes de fazer uma reflexão acerca das consequências futuras de suas decisões (Lauwe apud Chia 2001, p. 4).

O instrumento base para a tomada de boas decisões é a renda, a produtividade do capital, a participação no mercado, à incorporação de novas tecnologias enfim instrumentos contábeis e econômicos (Chia, 2001, p.1).

Por outro lado, autores como Graziano (2000), Schneider e Fialho (2000) e Carneiro (1998) têm se preocupado com as novas dinâmicas econômicas com ênfase na pluriatividade, ou seja, novas formas organizacionais nas unidades rurais para explicar a permanência dos pequenos e médios produtores no campo.

O que se pode observar, portanto é que não há consenso na literatura sobre a tomada de decisões.

As mudanças na atividade pecuarista, as políticas públicas nacionais e internacionais, as novas formas de relação dos produtores com as empresas agroindustriais e cooperativas através das cadeias de qualidade dos produtos, a regularidade do fornecimento e os cuidados com o meio ambiente e, como sempre existiu, a instabilidade comercial e financeira, são os desafios antigos e novos que se colocam para o setor que tem de decidir e criar estratégias em um ambiente complexo e incerto (macro) que afetam os estabelecimentos em suas trajetórias (micro).

Como comentam Morales, Bommel e Tourrand (2005), o setor tem novos cenários e, teoricamente, existem desafios teóricos-metodológicos que estão sendo enfrentados para resolvê-los.

Parte-se da constatação de que existem numerosas variáveis que interferem nos direcionamentos do estabelecimento agrícola assim como diversos atores sociais envolvidos com interesses e pontos de vista distintos.

Nesse contexto, parte-se de que as decisões estratégicas – que estão relacionadas com a organização anual da produção – envolvem não somente as variáveis econômicas como lucratividade, mas também a aceitabilidade social do produto, as redes de relação do produtor, a sua herança cultural com a terra, enfim, variáveis fora do econômico que alteram a dinâmica do estabelecimento através das estratégias que os produtores criam para enfrentar adversidades.

A pergunta que se faz é: Quais fatores interferem nas decisões e estratégias quando ocorre a mudança de atividades? Quais elementos interferem na decisão de permanência do produtor no campo quando o ambiente é incerto e complexo? De que maneira essas decisões estratégicas levam em conta e interferem sobre o futuro de sua propriedade e de sua família?

A hipótese que se lança é que as estratégias que o grande produtor cria para enfrentar as instabilidades são diferentes daquelas criadas pelos pequenos produtores e estas decisões ultrapassam o caráter econômico.

Os agentes econômicos inserem-se em um ambiente onde as mudanças conjunturais e estruturais são constantes e complexas devido ao aumento na concorrência internacional e

nacional, aos novos padrões de qualidade, novos nichos de mercado, novos países competindo, barreiras fitossanitárias, entre outros.

Frente a essa realidade, os produtores pequenos e grandes devem tomar suas decisões de modo à assegurar seus objetivos de curto, médio e longo prazos.

Defende-se que estas decisões vão além da maximização dos lucros.

Pressupõe-se que a racionalidade econômica existente no arcabouço clássico e explica parte dos aspectos ligados a tomada de decisão, quer dizer, não contempla uma série de outras como a cultura, as tradições e demais fatores institucionais que estão além da maximização do lucro e que influenciam as estratégias dos agentes econômicos.

As ações dos agentes econômicos, neste caso os agentes rurais, tem como base as relações sociais e o ambiente em que ele está inserido, levando a tomar suas decisões.

Compreender a propriedade e as relações entre seus agentes, torna-se ponto fundamental para a compreensão dos fatores que interferem na decisão sobre os rumos da propriedade e das atividades existentes.

Desta forma, a hipótese defendida é que existem outros fatores que interferem na decisão do produtor, além do lucro.

Dito de outra forma, os aspectos sociais como a cultura, a tradição, a ligação do homem com a terra, as redes de relacionamento e as instituições podem influenciar na tomada de decisão por parte dos agentes rurais. Desta forma procurou-se analisar as três correntes teóricas: Novo-Clássica, Keynesiana e Nova Economia Institucional e com isso verificar outros pensamentos que agregam a tomada de decisão por parte dos agentes criadores de gado de corte.

Primeiramente referenciou-se a teoria da HER – Hipótese das Expectativas Racionais, que pensa na racionalidade econômica dos indivíduos como fator chave para a decisão das pessoas, sempre levando em consideração a quantificação das ações passadas para a tomada de decisão no presente, e ignorando com isso as incertezas.

Não comungando da mesma idéia, outra teoria foi apresentada no que diz respeito à tomada de decisão. Segundo os pressupostos keynesiano, as ações passadas não podem ser quantificadas e com isso apenas são consideradas pelos agentes tomadores de decisão como experiências vividas e que podem vir a acontecer no futuro próximo, devido a essa falta de quantificação das ações vividas a incerteza é algo inerente.

Como terceira vertente teórica discutiu-se o arcabouço da Nova Economia Institucional onde as decisões não são apenas tomadas pelo simples olhar racional, nem tão pouco pela sua vivência passada, mas também por fatores cognitivos assimilados no presente, por fatores que influenciam a vida no momento atual, como normas formais e informais.

A apresentação das três doutrinas econômicas buscou confrontar um modelo no qual se pode revestir as situações reais, e alcançar a compreensão da situação em que vivem os pecuaristas da atividade bovina nestas regiões onde ocorre a redução de seu rebanho. O entendimento do motivo por parte dos produtores responsáveis pela redução da atividade vem a ser útil como base ao entendimento das demais áreas.

Devido às mudanças ambientais, realizar uma análise de maneira muito racional não conseguiria transpor a realidade e suas particularidades, pois felizmente somos humanos e agimos conforme nossas experiências e emoções, desta forma aspectos racionais e aspectos cognitivos sempre andarão lado a lado, complementando as investigações voltadas às tomadas de decisões.